

O PAPEL DA LITERATURA NO REENCONTRO DO NEGRO AFRICANO E DA DIÁSPORA COM SUA IDENTIDADE CULTURAL

Paulo Sergio Gonçalves¹

RESUMO: Este artigo tem por finalidade discutir a importância da Literatura no contexto das discussões a respeito dos efeitos do colonialismo europeu nos países africanos, em especial na África de língua portuguesa. O trabalho busca, também, pontuar a importância da voz vinda de dentro dos grupos oprimidos, onde o anseio é o início de uma reinvenção identitária, onde, a partir daí, o papel da literatura se mostra como peça fundamental da remitificação e do retorno da assunção do homem africano como ator de seu desenvolvimento sócio-cultural. Para atingir o objetivo proposto, será feita uma abordagem acerca dos apontamentos de teóricos importantes nas questões do Pós-colonialismo e dos efeitos do Colonialismo para o colonizado, para que, desta forma, se torne possível elucidar os impactos sócio-culturais causados pela atividade colonial na África e no negro da diáspora. Primeiro, será feita uma pontuação sobre a situação do colonizado e somente depois a literatura será mostrada como grito e voz de denúncia, como recurso de resistência nas mãos do oprimido dentro do sistema colonial.

PALAVRAS-CHAVES: Colonialismo - Literatura – África

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the importance of Literature in the context of discussions on the effects of European colonialism in African countries, especially in Portuguese-speaking Africa. The work also seeks to punctuate the importance of the voice coming from within the oppressed groups, where the desire is the beginning of an identity reinvention, where, from there, the role of literature is shown as a fundamental part of the remitification and the return of the assumption of the African man as an actor of his socio-cultural development. To achieve the proposed objective, will be made an approach about the notes of important theorists on the issues of post-colonialism and the effects of colonialism on the colonized, so that, in this way, it becomes possible to elucidate the socio-cultural impacts caused by colonial activity in Africa and the black diaspora. First, will be made a score on the situation of the colonized and only then will be show literature as a cry and voice of denunciation as a resource of resistance in the hands of the oppressed within the colonial system.

KEYWORDS: Colonialism – Literature – Africa

¹Graduado em Letras Português e Inglês e suas respectivas Literaturas pela Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda –SECAL/PR, Mestre em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutorando em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Redação Instrumental e Comunicação Contemporânea da Faculdade Estácio de Sá em Porto Alegre – RS. E-mail: profpaulosg@gmail.com.

INTRODUÇÃO

MAMÃ NEGRA
(Canto de Esperança)

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a vida escreveu com a pena de séculos

Pela tua voz
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos
seringais dos algodoais...
Vozes das plantações da Virgínia
Dos campos da Carolina
Alabama
Cuba
Brasil...

Vozes dos engenhos dos banguês dos tongas dos eitos
dos [pampas das usinas
Vozes do Harlem District South
vozes das senzalas

Vozes gemendo “blues”, subindo do Mississipi, ecoando
dos [vagões.
Vozes chorando na voz de Corrothers:
“Lord God, what will have we done”

Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
Voz de todas as vozes, na voz de Langston
Na bela voz de Guillen...

[...]

Pelos teus olhos, minha Mãe
Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
dramas de Cam e Jafé
Mas vejo também, (oh se vejo ...)
mas vejo também que a luz roubada aos seus olhos
ora esplende
demonicamente tentadora – como a Certeza ...
cintilantemente firme – como a Esperança ...
em nós outros, teus filhos
gerando, formando, anunciando
- o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE

Viriato da Cruz²

Ao longo de sua existência o ser humano tem uma característica peculiar que é a de escravizar e de hierarquizar seus semelhantes, que são submetidos a este tratamento justamente por não serem considerados tão semelhantes assim. A ansiedade pelas conquistas territoriais e pelo poder são responsáveis pela violência imposta a vários povos por meio da subjugação escravagista e pelo esmagamento de culturas e riquezas míticas, que por serem consideradas “inferiores” são condenadas ao sumiço, ao afogamento, ao fim.

Nos dias atuais, devido a proliferação de notícias quase que em tempo real, as sociedades têm uma noção conturbada do significado da palavra violência quando queremos citá-la no seu sentido mais abrangente. A violência é vista pela população apenas como parte de seu conceito que é quando se toma uma atitude física, mas o conceito vai além, a violência também consiste em constrangimento moral. É justamente esta particularidade que as pessoas ignoram de maneira imperceptível, a violência moral, que se dá quando indivíduos, grupos, etnias ou povos são submetidos a uma opressão baseada no intelecto.

O colonialismo europeu foi um dos maiores responsáveis por atos de violência física e moral no intuito de conquistar e expandir seus impérios ao longo dos tempos. Desde a expansão do Império Romano, o mundo assiste as invasões europeias, sempre com a bandeira do progresso e com a “nobre” intenção civilizatória de povos longínquos. Os europeus conquistaram e impuseram seus valores culturais e sociais e obrigaram povos inteiros a se submeterem aos seus dogmas, o que levou o mundo contemporâneo a ter uma ideia de perfeição e de certidão apenas quando se fala em modelos europeus.

Com o surgimento das teorias Pós-coloniais, termo que trouxe várias interpretações, mais uma onda de discussões sobre as razões e as

² Poesia Negra de Expressão Portuguesa, Viriato da Cruz, página 76

consequências do colonialismo vieram à tona. Mais uma vez os preceitos e os juízos de valor vieram e partiram de um olhar europeu, embora desta vez o embate fosse de forma a criticar o colonial e suas práticas, se via necessário ouvir e ver o que aquele que, por questões lógicas, tinha vivido o colonialismo do lado oposto ao do colonizador, obviamente, o próprio colonizado, que até então não tinha tido a menor chance de expressar-se e de ser ouvido.

Este ensaio tem a intenção de demonstrar, por meio de teóricos respeitados na área, as enormes consequências que a violência transmitida por meio do Colonialismo trouxe a inúmeros povos e como a Literatura serviu e serve de canal de denúncia e de levante de uma voz que se fez e se faz necessária para que os meios de cultura e de opinião, oriundas do colonizado, sejam valorizados e conhecidos não só por parte do colonizador, mas também por parte daqueles que, filhos da diáspora, para que saibam e conheçam as raízes culturais de sua origem étnica.

A forma de conquista e de expansão territorial usada pelos europeus pelo mundo afora, foi a responsável pelo esmagamento cultural de centenas de civilizações e pela escravização de etnias inteiras e, ainda, pela hierarquização intelectual de pessoas por meio do racismo. Considerando o vasto terreno que se vê ao chegar diante deste fato, partiremos por meio de alguns teóricos que abordam as questões coloniais e seus efeitos, pontuando a condição do colonizado e posteriormente, mostrando como a Literatura começou a cumprir um papel de denúncia e, também, como um grupo de teóricos se posiciona a partir de dentro dos grupos oprimidos pelo olhar e pela supremacia imposta pelo regime colonizador europeu.

O COLONIZADO:

Durante muito tempo a Europa foi retentora dos juízos de valor que a permitiam hierarquizar conceitos, pessoas e povos. O poder militar e de persuasão dos países e dos impérios europeus, ditavam de maneira autoritária e boçal, os caminhos que levariam o mundo a um progresso, progresso esse visto e imaginado pela mente europeia. Como diz Mário Pinto de Andrade, na introdução de “Discurso sobre o Colonialismo”, de Aimé Césaire, a Europa possuía a *intelligentsia* europeia, que pretendia ser a única a julgar os homens, a valorizar as culturas e a compreender as sociedades (ANDRADE, 1978, p. 06).

O martinicano Aimé Césaire, em seu “Discurso sobre o colonialismo” foi um dos precursores de uma linha de teóricos que, muito depois, seriam elencados e tipificados como Decoloniais, justamente pela forma de se expressarem, vinda de dentro das camadas oprimidas. A obra foi escrita por Césaire, a pedido de uma revista³, que não tinha a intenção de entrar em questões mais alvoroçadas sobre o assunto, mas que, indiretamente, para isso serviu, deixando de maneira compulsória sua efemeridade, por meio da publicação do artigo de Césaire em sua primeira edição no ano de 1950. O poeta Aimé Fernand David Césaire, nascido no ano de 1913, em Basse-Pointe, na Martinica, foi um dos idealizadores do Movimento Negritude, que teve papel importante na conscientização e valorização do negro como uma cabeça pensante e capaz de produzir arte:

Dotar o homem negro de um passado cultural e civilizacional e afirmar a sua especificidade, através de uma literatura enraizada nas tradições do povo, era, no fundo, o programa básico da Negritude. Pela Negritude o negro assume com orgulho a sua cor, os seus valores históricos, os seus usos e costumes, enfim, tudo aquilo que até então lhe havia sido lançado ao rosto como insulto. Assume-se como um homem, disposto a disputar em pé de igualdade o futuro da história e da civilização. Pela Negritude procura-se a valorização do primitivo e do natural, do instinto, do rítmico e do emotivo, opondo-se a estes valores ao tecnicismo antinatural dos ocidentais, ao seu racionalismo a à sua frieza. A poesia da Negritude, ao mesmo tempo que transmite todo esse conjunto de valores específicos africanos, é utilizada como uma “arma milagrosa” contra o colonizador, operando, deste modo, a revolução política com a revolução poética. A

³ Revista *Présence Africaine*, Paris. (Césaire, 1978, p. 6)

poesia da Negritude começa, pois, por afirmar “uma espécie de impossibilidade de entendimento entre a cultura africana, por um lado, e a cultura europeia, por outro” (TRIGO, 1979, p.120).

A intenção dos idealizadores do movimento era, portanto, trazer a valorização do negro por meio de suas produções artísticas e culturais, e para que isso fosse possível, era necessário que o negro tivesse, primeiramente, orgulho e amor pela sua cultura, sua história e suas raízes. Uma missão não tão fácil quando imaginamos uma população que teve suas terras invadidas pelo europeu e que, a partir deste processo de invasão, sutilmente chamado de “Colonização”, teve todas as suas práticas culturais e sociais tidas como “selvagens” e impróprias. O resgate dessa valorização não seria e não foi uma tarefa fácil, e isso pode ser comprovado até os dias de hoje, pois podemos observar que os negros africanos e seus descendentes sofrem e vivem vítimas de uma hierarquização intelectual, herança das imposições e afirmações feitas por meio do Colonialismo ao longo de muitos anos.

Por outro lado, tem-se a ideia que de que o Colonialismo trouxe progresso e civilização que jamais teria chegado à África se não pelos navios e pelos europeus. O que não se pode afirmar é que se os europeus não tivessem invadido a África, o continente não teria evoluído e conseguido o tal progresso citado, mas a seu modo e a seu tempo, porém sem a interrupção cultural que sofreu por meio do Colonialismo.

Marc Ferro nos fala sobre os cuidados que se devem tomar quando se fala neste assunto, pois no meio de uma bateria de conceitos, encontram-se dois termos muito parecidos, mas que contém uma linha de significação distinta, são eles a colonização e o colonialismo. A colonização deve ser entendida como o fator da chegada e da fixação do colonizador (europeu) em terras africanas (africanas no caso deste ensaio, mas sabemos que eles também chegaram no

Brasil e nas Índias). Colonialismo, por sua vez, seria a apropriação dos efeitos da colonização, seus excessos em busca de sua legitimação (FERRO, 2004, p.11).

A apropriação citada por Ferro é justamente o que identifica e traduz com grande percentual de acerto o termo Colonialismo, que agiu de maneira violenta e degradante em prol da expansão imperial e da imposição de seus valores civilizacionais.

Entende-se que é necessário e sadio o confronto entre culturas e civilizações, pois é por meio deste processo que acontecem diálogos importantes para a humanidade de um modo geral, e também, só assim, as civilizações podem se conhecer e saber de suas diferenças, que as distanciam, e de suas semelhanças, que as unem, eventualmente. Mas todo este evento deve dar-se de maneira voluntária pelos dois ou mais lados que estão a se conhecer, para que haja um processo de intercâmbio onde não haja a falência de nenhuma cultura e de nenhuma civilização. Ora, isso não aconteceu com as práticas do Colonialismo, e poderíamos discorrer por páginas e páginas citando alguns exemplos onde civilizações inteiras foram dissipadas pela forma de imposição ocidental. Como afirma Aimé Césaire, a Europa está bem situada geograficamente, é como se estivesse numa encruzilhada, o continente europeu foi o vetor de ideias, receptáculo de todas as filosofias, ou seja, a Europa foi a distribuidora de energia mundial (CÉSAIRE, 1978, p. 15), e estas verdades possibilitaram que o continente europeu, por meio da vantagem de sua situação geográfica, partisse mar afora desbravando e conquistando terras e impondo seus valores como sendo o melhor, ideia essa que, de forma intrínseca, se vê até os dias de hoje.

Um dos fatores mais interessantes e relevantes da prática do Colonialismo é a forma brutal que o colonizador tinha como uma de suas principais características. As pessoas que tinham como papel mobiliário e habitar os países colonizados, e que a partir dali seriam as responsáveis pela porcentagem de acerto do projeto colonizador, eram retiradas de camadas sociais que estavam

desfavorecidas, muitas vezes, no país natal, mas ao chegar nas colônias, tinham a função superior, comparando-as com os colonizados. Césaire se refere a este assunto como uma regressão da humanidade, ele nos fala que a atitude tomada pelo colonizador soa como um regresso, um processo de animalização que, automaticamente, ao se tornar peça de um processo de colonização, o indivíduo assume instantaneamente:

Seria preciso estudar, primeiro, como a colonização se esmera em *descivilizar* o colonizador, em *embrutecê-lo*, na verdadeira acepção da palavra, em degradá-lo, em despertá-lo para os instintos ocultos, para a cobiça, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral, e mostrar que, sempre que há uma cabeça degolada e um olho esvaziado no Vietname e que em França se aceita, uma rapariguinha violada e quem França se aceita, um Malgaxe suplicando e que em França se aceita, há uma aquisição da civilização que pesa com o seu peso morto, uma regressão universal que se opera, uma gangrena que se instala, um foco de infecção que se alastra e que no fim de todos estes tratados violados, de todas estas mentiras propaladas, de todos estes prisioneiros manietados e “interrogados”, de todos estes patriotas torturados, no fim desta arrogância racial encorajada, desta jactância ostensiva, há o veneno instilado nas veias da Europa e o progresso lento, mas seguro, do *asselvajamento* do continente (CÉSAIRE, 1978, p.03).

O que Aimé nos diz claramente na citação acima, além de deixar evidente a sua indignação sobre a forma cruel assumida pelo colonizador, é justamente a realidade de que a própria Europa provaria de seu veneno mais tarde. Nas linhas do “Discurso sobre o Colonialismo”, Césaire dispara mostrando os acontecimentos vividos pelos europeus com o advento do nazismo alemão. De repente toda forma de tratamento dispensado aos nativos de suas colônias se volta para o europeu e o mundo indigna-se com as práticas de Hitler. Mas isso já acontecia muito antes do nome “nazismo” ser usado pela primeira vez, só que desta vez isso acontecia aos não-europeus e tudo soava como um tratamento normal, pois supunha-se que era necessário aquele tratamento aos “selvagens” para que eles alcançassem um entendimento que não os traria para uma igualdade, mas para uma proximidade de mundo ocidental.

Na verdade, não era essa a intenção do Colonialismo trazer o colonizado para dentro da esfera ocidental, muito pelo contrário, o processo colonizador visava intensificar essa suposta diferença e superioridade que o europeu julgava possuir, portanto podemos perceber que a visão de Césaire estava correta ao afirmar que a Europa injetava veneno em sua própria veia e que este veneno iria entrar e estar presente em todo seu organismo, e isso aconteceu, como vimos no parágrafo anterior com os acontecimentos da 2ª Guerra Mundial e o aparecimento de Hitler. O Colonialismo tinha razões e intenções específicas, e aí está o grande cerne de toda essa instituição. Para se alcançar seus objetivos o colonizador sabia usar todo e qualquer meio, nem que para isso fosse preciso reprimir, escravizar, matar. O Colonialismo tinha uma intenção capitalista. Uma intenção que, nem de longe, visava a melhoria de vida dos povos colonizados, a não ser aquelas necessárias para que suas práticas de extração de riquezas pudessem se tornar mais fáceis. Desta forma que o chamado progresso foi levado às regiões ultramarinas. Olhemos agora para o caso da África Portuguesa, onde, devemos lembrar que lá, nessas regiões, um número enorme de portugueses residia e controlava o capital e o giro comercial.

Muito se falou sobre uma missão cultural nas viagens coloniais portuguesas em solo africano, mas vários historiadores já demonstraram que isso não passa de subterfúgios vindos da parte do colonizador, a facilidade de enriquecimento é o motor que movimenta a máquina colonizadora:

[..]. Os motivos econômicos da empreitada colonial já foram esclarecidos por todos os historiadores da colonização; ninguém mais acredita na missão cultural e moral, mesmo original, do colonizador. Atualmente, em todo caso, a partida rumo à colônia não é a escolha de uma luta incerta, buscada precisamente por seus perigos, não é a tentação da aventura, mas a facilidade (MEMMI, 2007, p. 37).

Diante de todas essas afirmativas da intencionalidade do europeu, em busca de facilidades e de enriquecimento e de expansão de seu império a qualquer preço, sem a menor preocupação com o esmagamento cultural de etnias

inteiras, ficamos diante de uma grande pergunta: Por onde seria melhor andar o colonizado, para iniciar um processo de saída deste meio opressor em que se encontrava? Ora, a história está bem aí na nossa frente para nos responder a esta indagação. Por meio do conhecimento e do reconhecimento próprio de sua importância e da importância de suas raízes culturais. É por meio de movimentos de conscientização que o colonizado começou uma intervenção para se sair da questão colonial, reconhecendo-se como africano, como negro, aprendendo ou digamos melhor, reaprendendo a olhar as suas culturas, as suas coisas, a sua religiosidade, as suas danças, como fatores culturais valorosos. Só assim um povo pode se reconhecer como existente dentro de uma civilização, quando seus valores existenciais, culturais e tradicionais são levados em consideração.

Tarefa nada fácil. Depois de anos de subjugação era necessário um levante extraordinário para que tais homens e mulheres entendessem que o que dizem sobre eles não é verdade, depois de uma série de investidas de convencimento (bem sucedidas) de que a Europa era superior ao Oriente, atitudes essas reforçadas e fixadas pelo encontro colonial (SAID, 1990, p.50), convencer que a inferioridade, a qual estão acostumados a serem taxados, não os pertence, que o meio social onde estão imersos é falso, que tudo que ouvem falar a respeito de seus ancestrais é para que, cada vez mais, eles, os ancestrais, sejam apagados de sua memória até se chegar ao ponto de que eles possam ser aquilo que disserem que eles são. Eis a maior violência do processo colonizador neste contato onde Césaire dizia que...

Entre contato de colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contato humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, chicote e o homem indígena em instrumento de produção. (CÉSAIRE, p. 25, 1978).

A LITERATURA COMO GRITO DE DENÚNCIA:

*Não, não estou farta de palavras.
É porque o tempo passa que as procuro.
Para que elevem, soberanas, o reino que forjamos.
Conceição Lima*

A literatura parece ter sido um dos grandes instrumentos difusores dos anseios por liberdade dos países africanos de língua portuguesa, porém devemos demarcar que tais literaturas estão ainda vivendo um período de nascimento e que estão, por isso, passando por um momento muito importante nos dias atuais. Ter uma voz própria e valorizada, uma tarefa difícil como a citada anteriormente, de devolver a dignidade e a conscientização de valor aos negros colonizados, uma tarefa de retorno às raízes, um retorno para se reconhecer por meio do passado e, enfim, para descobrir se este passado ainda está tão distante quanto parece quando se olha pelo viés do tempo cronológico.

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras (SAID, 1990, p. 34)

Um dos problemas encontrados e enfrentados pelos escritores colonizados era, justamente, como fazer nascer uma literatura que expressasse seus sentimentos em relação ao sistema opressor que viviam, se no momento da escrita deparavam-se com o problema da linguagem e viam-se diante de um impasse: escrever na língua do colonizado ou na sua própria língua. Um dilema um tanto quanto embaraçoso, porque se a literatura nascesse escrita em sua própria língua, nasceria fadada ao seu fim, ali, no momento puerperal (MEMMI, 2007, p.151).

A apropriação linguística por parte do colonizado não acontecia apenas por questões de imposição, mas também por necessidade do colonizado de tentar inserir-se de uma forma mais eficiente no mundo ocidental que invadia sua terra de origem, pois todo povo colonizado, que sofreu a imposição de um complexo de inferioridade quando teve sepultado a sua originalidade cultural, tende a posicionar-se diante da linguagem e da cultura do colonizador (FANON, 2008, p.34). A necessidade de escrever na língua do colonizador torna-se inevitável, tamanho é o esmagamento cultural de seu povo:

Suponhamos que ele tenha aprendido a manejar sua língua, a ponto de recriá-la em obras escritas, que tenha vencido sua recusa profunda de usá-la; para quem escreveria, para que público? Se se obstina em escrever em sua língua, condena-se a falar diante de um auditório de surdos. O povo é inculto e não lê nenhuma língua, os burgueses e os letrados só ouvem a do colonizador. Uma única saída lhe resta, que é apresentada como natural: que escreva na língua do colonizador. Como se ele não fizesse nada além de mudar de impasse. (MEMMI, 2007, p.149)

Memmi enxerga a apropriação linguística do colonizado pela língua do colonizador, como um problema inevitável, onde não se conseguiria uma expansão ou um ganho de terreno, se assim podemos dizer, por parte da literatura vinda do colonizado, se este tentasse usar a sua própria linguagem e não aquela imposta pelo povo que o colonizou. Mas vejamos um ponto de vista diferenciado da questão, um ponto de vista que parte do princípio do direito a essa linguagem:

Uma preocupação, já assunto de longos debates dentre intelectuais e escritores africanos e africanistas em toda parte, é sem dúvida a questão da língua imposta pelos colonizadores. A respeito deste debate no âmbito lusófono, José Luandino Vieira, o exímio escritor angolano, alguns anos depois do fim do colonialismo político defendeu o português como a língua oficial de seu país. Luandino declarou que a língua portuguesa era um “troféu de guerra”, pelo qual milhares de angolanos morreram durante a guerra de libertação. E em 1979, Luís Bernardo Honwana, o autor de “Nós Matamos o Cão Tinhoso”, a célebre obra moçambicana, depois de proferir uma palestra nos Estados Unidos, na Universidade de Minnesota, respondia a perguntas feitas pelos ouvintes. Uma das perguntas mais provocantes foi: “Agora que Moçambique é um

país independente, porque vocês não abandonam o idioma do colonizador para falar e escrever na sua própria língua? Honwana respondeu, calmamente, porém com convicção: “A língua portuguesa é nossa também”. (HAMILTON, 1999, p.17)

De fato, a língua portuguesa pertence aos países africanos, e isso tornava-se uma necessidade, não só na África portuguesa, mas em outras colônias mobiliadas por outros países europeus, como na África anglófona, por exemplo:

Minha opinião é que qualquer um que se sinta incapaz de escrever em inglês deve, naturalmente, seguir seu desejo. Mas não devemos tomar liberdades com nossa história. Simplesmente não é verdade que os ingleses nos forçaram a aprender a língua deles. Pelo contrário; a política colonial britânica na África e em outras partes do mundo em geral enfatizava sua preferência pelas línguas nativas. Já vimos resquícios dessa preferência na política dos bantustões na África do Sul. A verdade é que optamos pelo inglês não porque os britânicos assim desejaram, mas porque, tendo aceitado tacitamente as novas nacionalidades impostas sobre nós pelo colonialismo, necessitávamos do seu idioma para fazer nossos negócios – inclusive para derrubar o próprio colonialismo, quando chegasse a hora (ACHEBE, 2012, p.122).

Vencido e ultrapassado o problema da linguagem, a literatura africana se deparava com outros problemas. Um deles era o desafio de se criar uma literatura que falasse de seu povo e de sua cultura de uma maneira que não usasse os padrões de exotismo que até então eram usados pelas literaturas coloniais feitas em África, que se tratavam daquelas, inicialmente de viagem e, posteriormente, as nascidas a partir do colonizado que escrevia sobre África e sobre suas descobertas, colocando-se sempre em situação heroica e benfeitora e retratando o nativo como uma espécie de selvagem inocente e desprovido de toda e qualquer parcela mínima de inteligência.

É possível observar este tipo de literatura não apenas em língua portuguesa, mas uma obra icônica e que serve de exemplo claro é “Coração nas Trevas”, de Conrad, que mostra e retrata o colonizador como responsável pelo progresso e narra os negros como selvagens monstruosos e sem inteligência:

Formas negras se agachavam, se recostavam e se sentavam entre as árvores, recostando-se contra os

troncos, agarrando-se à terra, metades visíveis, metades apagadas dentro da penumbra, todas elas em atitudes de dor, de abandono e de desespero [...] Próximo da mesma árvore, mais dois montes de ângulos agudos se sentavam com suas pernas encolhidas. Um deles, com o queixo apoiado sobre os seus joelhos, olhava para o vazio de um modo intolerável e pavoroso; seu irmão fantasmagórico descansava sua testa como se tomado por uma grande fraqueza; [...] Próximo dos edifícios, eu encontrei um homem branco, com uma elegância no se vestir tão inesperada que, em um primeiro momento, julguei-me tomado por uma visão. Eu vi um colarinho alto e engomado, punhos brancos, um casaco de alpaca leve, calças brancas como a neve, uma gravata limpa e botas engraxadas[...] (CONRAD, 2011, p.22/23).

Todo esse processo de conscientização e de criação de uma literatura que se importasse em falar os sentimentos da África, não nasceu de uma hora para outra, ela atravessou processos de transformação que não serão tratados neste ensaio, portanto levaremos em consideração e daremos um salto aos acontecimentos que começaram a mudar as atitudes do colonizado português, este estando na colônia ou fora dela.

Com o advento do Movimento Negritude francês, idealizado pelo poeta Aimé Césaire, criador do termo Negritude em 1935, juntamente com o senegalês Léopold Sédar Senghor, a valorização cultural do negro africano e do negro nascido na diáspora estava em alta no mundo todo. Nos Estados Unidos, o Movimento do Novo Negro Americano e figuras como Martin Luther King e Malcom X, lutavam pelos direitos de igualdade racial na década de 60. Na África portuguesa, enfim, paralelamente a esses acontecimentos, na década de 40, reuniam-se em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império, negros e mestiços e brancos, oriundos das colônias africanas de língua portuguesa. Um grupo de estudantes que estavam ali impulsionados pela intenção do governo ditador de Salazar, de impor uma ideologia portuguesa para que, na volta às suas colônias de origem, os estudantes pudessem ser proliferadores das intenções da

metrópole, o que não deu certo quando falamos da CEI (Casa dos Estudantes do Império):

Na capital portuguesa funcionavam a Casa de África e a Casa dos Estudantes do Império, a primeira fundada antes de 1925 e a segunda em 1945, ambas terminando por ser instituições subsidiadas pelo Ministério das Colônias e pretendidas como dependências do Aparelho Ideológico do Estado. Mas se tinha sido possível controlar politicamente a casa de África, nos últimos anos dominada por uma direção cujo suporte era um tal jornalista Raul de Castro, da confiança e ao serviço do Governo colonial-fascista e até acusado de pertencer à Pide, o mesmo já não se deu com inteira eficiência com a Casa dos Estudantes do Império, que se ia “pervertendo” sobretudo através das suas seções culturais (TENREIRO, ANDRADE, 1982, p.17)

Em Lisboa nascia uma Literatura de denúncia, por meio do Boletim Mensagem, importante veículo de informação que nasceu como uma circular de notícias de acontecimentos internos da Casa dos Estudantes do Império, mas que, posteriormente e gradativamente, trazia em sua seção cultural, a publicação de poesias e de textos literários que aos poucos foram ganhando terreno para que se formassem os futuros partidos políticos que deram origem aos movimentos de libertação.

O sentimento de africanidade inserido nas literaturas africanas de língua portuguesa nascidas a partir deste contexto de ansiedade por libertação, foi a mola propulsora de todo um reconhecimento do africano como um agente produtor de cultura, uma cultura livre de estereótipos e de exotismo, como era visto nas literaturas de viagem e coloniais. É lógico que antes da existência da Casa dos Estudantes do Império, já existiam escritores africanos que buscavam falar de África de uma forma mais próxima do que se viu a partir da década de 1940, mas é neste ponto da história que tudo isso se torna saliente e, então, a literatura assume um papel importante na irradiação dos anseios e da necessidade por liberdade.

A literatura africana moderna assume um papel importantíssimo na reconstrução mítica e intelectual de seus respectivos povos. Reconstruir é a

palavra que soa como carro-chefe de uma literatura de denúncia e de remitificação, uma literatura com a responsabilidade de trazer à tona os mitos que embalaram a imaginação dos antigos *griots* e que foram afundadas na memória africana pelos vários anos de um processo colonialista. Achebe nos diz que é necessário que se volte à celebração, ele afirma que:

A mova literatura africana, assim como a velha, está ciente das possibilidades de que dispõe para celebrar a humanidade ao nosso continente. Também está ciente de que nosso mundo contemporâneo interage cada vez mais estreitamente com os diversos mundos dos outros (ACHEBE, 2012, p.125).

Desta forma, assumindo papéis de destaque na reconstrução política e social, como aconteceu nas literaturas africanas de língua portuguesa a partir das obras nascidas dentro da Casa dos Estudantes do Império, e também as literaturas antes e depois de movimentos importantes fora da África portuguesa, a literatura se mostra como um meio de difusão de ideologias e um material de denúncia e de proliferação de conceitos e de ideais. Mais uma vez a poderosa função da literatura se mostra na África moderna, com uma grande contribuição para que, não só o negro africano, mas também o negro filho da diáspora, conheça suas origens e, a partir daí, comece a reconhecer os seus verdadeiros valores culturais. Assim, com uma reconstrução identitária, o que ainda está por acontecer nas diásporas, de uma forma sadia e sem interrupção, podemos almejar com esperança, que mundos separados se encontrem e tenham um convívio harmonioso e que, então, as transformações ocorram de maneira natural, não como foi por meio do colonialismo, porém, assim mesmo, o risco da hostilidade e do conflito não pode ser descartado, mas a literatura estará fazendo frente à essas tentativas de fusão e de aceitação do outro, por meio da voz que agora foi conquistada e, aos poucos, segue pelo caminho da conquista de seu espaço:

Se o encontro das histórias separadas terá lugar em um grande e harmonioso espaço ou se será eivada de amargura e hostilidade, tudo vai depender de aprendermos a reconhecer a presença um do outro e

de estarmos prontos para conceder respeito humano a todos os povos (ACHEBE, p.125, 2012).

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Proletariado Britânico**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Revisão de Renata Del Nero e Márcia Moura.

ANDRADE, Mário Pinto de. Prefácio. In: CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978. p. 5-11. Título Original: Discours sur le colonialisme. Tradução do francês por Noémia de Souza.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978. Título Original: Discours sur le colonialisme. Tradução do francês por Noémia de Souza.

CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo: Landmark, 2011. Tradução de Fábio Cyrino.

CRUZ, Viriato da. Mamã Negra. In: TENREIRO, Francisco José; ANDRADE, Mário Pinto de. **Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. Linda-a-velha: Editora África, 1982. p. 75-79. (Coleção para a História das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). Direção e Organização de Manuel Ferreira.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008. Tradução de Renato da Silveira, Prefácio de Lewis R. Gordon.

FERRO, Marc. **O livro negro do Colnialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo.

HAMILTON, Russel G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Texto apresentado na sessão de abertura do IV Encontro de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, realizado em agosto de 1999 pela Área de Pós-Graduação e o Centro de Estudos Portugueses da USP.

LIMA, Conceição. **O país de Akendenguê**. Lisboa: Lexonics, 2012.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/a, 2007. Prefácio de Jean-Paul-Sartre, Tradução de Marcelo Jacques de Moraes.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Tradução de Denise Bottmann.

SAID, Edward . **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Tradução de Tomás Rosa Bueno.

TENREIRO, Francisco José; ANDRADE, Mário Pinto de (Org.). **Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. Linda-a-velha: Editora África - Literatura, Arte e Cultura, 1982. (Coleção "Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa). Prefácio, organização e direção de Manuel Ferreira..

TRIGO, Salvato. **A poética da "Geração da Mensagem"**. Porto: Brasília Editora, 1979.

Recebido em 18/05/2019

Versão corrigida recebida em 19/06/2019

Aceito em 21/08/2019

Publicado online em 31/08/2019